

## ENTRELAÇANDO MUNDOS: A MÚSICA TECENDO AFETOS NA SAÚDE MENTAL EM PELOTAS/RS

**TIAGO LARROSA FREITAS<sup>1</sup>; ANA PAULA MAÇANEIRO<sup>2</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tiagolarrosafreitas@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – ana.macaneiro@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A lógica de funcionamento do atendimento às pessoas com transtornos mentais no Brasil, marcada historicamente pelo paradigma manicomial, vem sendo tensionada desde a década de 1980, com o avanço da Reforma Psiquiátrica e da luta antimanicomial. Para Paulo Amarante, um dos principais nomes desse processo, “o modelo manicomial, fundado no final do século XVIII, teve no isolamento um dos fundamentos”. Ainda segundo o autor, tal lógica produziu o efeito de retirar o louco da cidade, do trabalho, do lazer, da família, da cultura e da vida social (AMARANTE, 2018).

O fortalecimento dos movimentos sociais e dos coletivos organizados em defesa da cidadania dessas pessoas possibilitou questionar os modelos de isolamento, abrindo caminho para a construção de novas formas de cuidado e de inserção social. Nesse contexto, a lógica da exclusão deu lugar, progressivamente, a práticas orientadas pela integração comunitária e pela afirmação de direitos (AMARANTE, 2018).

Nesse cenário, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) surgem como dispositivos fundamentais na materialização da reforma psiquiátrica. Organizados como serviços alternativos aos manicomios, os CAPS têm como objetivo o cuidado territorial, a promoção da autonomia e a valorização das experiências singulares de cada sujeito em sofrimento psíquico. Sendo assim, a função dos CAPS é buscar sempre uma abertura para se construir possibilidades nos diferentes territórios (AMARANTE, 2018).

É nesse ponto que se torna necessário recorrer à noção de existências mínimas, entendida como formas de vida invisibilizadas, que necessitam de gestos instauradores para serem legitimadas (LAPOUJADE, 2017). No contexto da saúde mental, muitas vezes os usuários do CAPS vivem nesse limiar entre a presença e a invisibilidade social, sua existência não é negada, mas frequentemente reduzida e/ou estigmatizada.

As práticas artísticas promovidas nesses espaços podem funcionar como intensificadores de realidade, instaurando modos de existir que não se limitam ao diagnóstico ou à lógica biomédica. É nesse horizonte que se inscreve a experiência do grupo musical “Los Lokos”, formado por usuários/as e ex-usuários/as do CAPS-Porto, em Pelotas/RS, que através da música produzem arte de forma coletiva. Mapear pela cartografia essa experiência significa acompanhar os modos pelos quais o grupo inventa territórios de vida e amplia suas existências mínimas.

É nesse sentido que esta pesquisa tem como objetivo compreender os diferentes sentidos dados pelos/as integrantes do grupo “Los Lokos” às linguagens artísticas e interações grupais realizadas no CAPS-Porto, em Pelotas/RS. O seguinte estudo busca responder a seguinte pergunta problema:

como que os diferentes sentidos dados pelos/as integrantes do grupo “Los Lokos” às produções artísticas e interações grupais ativam novas formas de expressão de afetos e existências mínimas para os/as usuários/as e profissionais do CAPS-Porto, em Pelotas/RS?

As reflexões deste trabalho são fruto das proposições surgidas no Grupo de Pesquisa T.E.L.U.R.I.C.A. - Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções e Coexistências Autorais, em seu projeto de pesquisa “Cartografias Menores: Estudos sobre as Existências Mínimas”.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa de campo exploratória, de natureza qualitativa, que adota a Cartografia como proposta metodológica (KASTRUP; PASSOS, 2013). A investigação encontra-se em andamento e vem sendo desenvolvida a partir da perspectiva da pesquisa-intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), em acompanhamento ao grupo musical Los Lokos, vinculado ao CAPS-Porto, em Pelotas/RS. Nesse percurso, que articula música e cuidado em saúde mental, identificamos a emergência de processos que se desdobram em diferentes planos, coexistindo e resistindo às lógicas de exclusão que historicamente marcaram esse campo.

Como afirma Suely Rolnik, “*‘entender’, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar.*” Para ele, “*o que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão*”. E o cartógrafo “*quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem*” (ROLNIK, 2016).

Entre os meses de maio e agosto de 2025, acompanhamos as atividades do grupo musical Los Lokos, realizando observações tanto em um espaço ao ar livre, a Praça Coronel Pedro Osório, localizada no centro de Pelotas/RS, quanto no prédio do CAPS-Porto, situado no bairro Porto da mesma cidade.

Os encontros, com duração por volta de três a quatro horas, desenvolvem-se em diferentes momentos: a recepção inicial dos/as participantes; a execução coletiva das músicas; as pausas para reflexões, geralmente voltadas aos afetos mobilizados pela prática musical; e, ao final, as conversas informais que prolongam a experiência de convivência.

O grupo conta com cerca de 20 integrantes, entre usuários ativos do CAPS, ex-usuários e familiares. Durante as observações, registramos a participação mínima de seis e máxima de dezesseis pessoas por encontro. A faixa etária é bastante heterogênea, variando aproximadamente entre 20 e 70 anos, com predominância de homens, que representam em torno de 75% do coletivo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma das características marcantes do grupo é a dificuldade de comunicação verbal apresentada por alguns integrantes. Contudo, ao se expressarem por meio da música, criam-se outras possibilidades de comunicação, para além da linguagem oral. A música revela-se, assim, como principal forma de expressão para determinados sujeitos, justificando a relevância de iniciativas coletivas como esta.

No decorrer dos encontros, observou-se que alguns participantes assumem maior protagonismo na proposição de músicas e na organização do repertório,

porém todos têm a liberdade de sugerir canções. Esse processo de escolha e reflexão sobre as letras configura um espaço fértil de criação, no qual cada integrante exercita sua expressividade, encontrando um caminho para difundir ideias, afetos e emoções. Trata-se de uma dinâmica coletiva, em que diferentes linguagens e opiniões se entrelaçam, dando origem a algo novo e singular, dotado de potência tanto individual quanto de grupo.

Nesse contexto, as existências mínimas (LAPOUJADE, 2017), tantas vezes invisibilizadas, são intensificadas pela linguagem musical e fortalecidas nos encontros coletivos. O grupo desloca essas existências para a praça, para o espaço público, para eventos integradores, produzindo processos de reterritorialização que ressignificam a vida em suas dimensões individual e coletiva.

Destaca-se ainda a criação de músicas autorais por um dos membros, que, progressivamente, vem apresentando suas composições ao grupo. Esse movimento de exposição, acolhido pelos demais participantes não apenas pela coragem, mas também pela qualidade estética das obras, potencializa a percepção das próprias capacidades criativas, reforçando a autonomia, a cidadania e a legitimidade de suas existências.

O papel do psicólogo que acompanha o grupo também merece atenção. Sua atuação não se limita a organizar as atividades, mas busca dinamizar os encontros, estimular a interação musical e fomentar o protagonismo dos participantes. Trata-se de uma liderança orientada pela autogestão, em que o profissional atua como mediador e incentivador da autonomia. Nesse sentido, Magalhães e Braga (2023) destacam a relevância de práticas em que a arte, a cultura e a música são colocadas sob a centralidade dos/as usuários/as, favorecendo a construção de vínculos e o fortalecimento das relações de convivência.

Essas observações convergem com os achados de Machado et al. (2023), para quem os grupos musicais no CAPS possibilitam a superação da timidez, o fortalecimento da concentração, a ampliação das relações interpessoais e o incremento da integração entre usuários, profissionais e comunidade.

Assim, como afirma Amarante, o desafio dos CAPS é produzir intersetorialidade e ocupar espaços transversais da cidade, em oposição à repetição de respostas técnico-sanitárias e de protocolos tradicionais (Amarante, 2018). Nessa perspectiva, a música se apresenta como um caminho privilegiado para a inserção social e cultural das pessoas em sofrimento psíquico, ampliando o horizonte de suas existências e reforçando sua presença na vida coletiva.

#### **4. CONCLUSÕES**

O grupo musical “Los Lokos” está inserido na comunidade por meio de apresentações em diversos locais em Pelotas/RS e em outras cidades, mostrando sua arte, sua criatividade e seu potencial para a sociedade. O que explicita que o CAPS Porto de Pelotas/RS cumpre com o objetivo de reinserir essas pessoas em sofrimento psíquico na comunidade, colaborando para seu pleno exercício de cidadania.

Observamos que os membros do grupo utilizam diversas possibilidades de linguagens para se comunicar. Uma delas, a música, proporciona caminhos de expressão que, por vezes, são mais potentes que a própria conversa. Não é somente a linguagem falada que possibilita a expressão dos afetos e emoções. A

música também é um meio potente pelo qual pessoas com dificuldade de se fazerem entender pela fala conseguem se colocar na sociedade e no mundo.

A partir desta caminhada com trocas reflexivas e afetuosas, constatamos que a música como linguagem no CAPS propicia a possibilidade de afirmação de uma outra vida para além do diagnóstico. Estas criações coletivas abrem caminhos para novos futuros e diferentes perspectivas de olhares para a vida. As existências antes minimizadas e fragmentadas dão lugar a expressões potentes de linguagens e de criatividade, re-territorializadas nas escolhas das músicas e nos novos caminhos trilhados por essas pessoas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. “De volta à cidade, sr. cidadão!” - reforma psiquiátrica e participação social: do isolamento institucional ao movimento antimanicomial. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro/RJ: nº 52, nov/dec, 2018.

KASTRUP, V; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. Dossiê Cartografia: Pistas do método da cartografia, Fractal, Revista de Psicologia, Rio de Janeiro/RJ: vol. II, nº 25 (2), ago/2013.

LAPOUJADE, D. As existências mínimas. São Paulo: Editora n-1, 2017.

MACHADO, D; GUIMARÃES, J; MORAIS, A; MENDES, L; SAMPAIO, J. MusiCAPS: a música como estratégia de educação em saúde no Centro de Atenção Psicossocial. Diálogos interdisciplinares em Psiquiatria e saúde mental, Fortaleza/CE: V 2, n 1, 2023.

MAGALHÃES, J; BRAGA, F. Música, cultura e arte: percepção dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) sobre uma oficina terapêutica. Revista eletrônica acervo saúde, São Paulo/SP: Vol. 23, 2023.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROLNIK, S. Cartografia sentimental. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS/Sulina, 2016.